

GIORDANO BRUNO

*Tratado da Magia*



*De Magia*

GIORDANI BRUNI NOLANI

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS DE  
RUI TAVARES

**L I S B O A :**  
TINTA-DA-CHINA  
M M V I I

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO 9

Sobre Giordano Bruno 11  
Sobre o *De Magia* 17  
Sobre esta edição 22  
Sobre a arte da memória 24  
Sobre as imagens utilizadas 26

TRATADO DA MAGIA - GIORDANO BRUNO 31

Acerca da comunhão ou consórcio entre as coisas 55  
Do duplo movimento das coisas, e da atracção 62  
Como o íman atrai o ferro, e o coral o sangue, etc. 66  
Epílogo sobre os movimentos  
que afectam determinadas substâncias 73  
Sobre os vínculos dos espíritos 74  
Da analogia dos espíritos 81  
Sobre os vínculos dos espíritos  
(a começar por aquele que tem origem  
na tripla razão do agente, da matéria e da aplicação) 92  
Segundo vínculo, que é o da voz e do canto 100  
Terceira categoria  
de vínculos, que procedem da vista 106  
Quarto vínculo, procedente da imaginação 108  
Do quinto vínculo, que procede da faculdade intelectiva 114

NOTAS 119

*DE MAGIA - IORDANI BRUNI NOLANI* 125

© 2007, Rui Tavares e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A  
1500-627 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: tintadachina@netcabo.pt

Título original: *De Magia*  
Autor: Giordano Bruno  
Tradução: Rui Tavares  
Revisão: Tinta-da-china  
*Design* e composição: Vera Tavares

1.ª edição: Janeiro de 2007  
ISBN 978-972-8955-18-2  
Depósito Legal n.º 252258/06



2. Giordano Bruno, *Cantus Circaeus*, 1582

### *Sobre Giordano Bruno*

Violentas discordâncias opunham as igrejas cristãs no fim do século XVI: a existência do purgatório, a presença do corpo de Cristo no pão eucarístico, o estatuto da Virgem Maria, o uso de imagens nos locais de culto, o matrimônio dos sacerdotes, e muitas outras ainda, que matavam gente e faziam guerras. Numa coisa pelo menos estavam todas de acordo, e era que Giordano Bruno não tinha lugar em nenhuma delas. Quando compôs a obra que o leitor tem neste momento entre mãos, Bruno tinha já sido excomungado de três igrejas — a católica primeiro, a calvinista depois e a luterna em último lugar. Pouquíssimas vezes suscitou Bruno tamanha unanimidade — como esta de ser quase um herético ecuménico — e não é dos seus menores feitos a inimizade que as igrejas organizadas lhe votaram, a que devemos ainda acrescentar as universidades em que não se deu bem: Toulouse, a Sorbonne, Oxford.

Desta guerra entre Bruno e o resto do mundo não é difícil adivinhar quem foi o único morto. Mas nem depois de morto o seu fantasma ficou quieto. Se no século XIX parecia finalmente descansar como mártir da todo-poderosa ciência, arrumado no panteão ao



7. Giordano Bruno, *Ars Memoriae*, 1582

lentas que pronunciava”; já no meio das chamas do cadafalso, com um olhar turvo e arrogante, desviou a vista do crucifixo que lhe apresentavam, e acabou “queimado vivo”, consciente de morrer “mártir, e de boa mente, pois que sua alma subiria junto àquele fumo” para ir reconjugar-se com a alma do universo»<sup>1</sup>.

### *Sobre o De Magia*

Foi quando estava em Frankfurt, nos anos de 1590-91, em desobediência a uma ordem de expulsão que lhe fora dada pelo senado da cidade, que Giordano Bruno ditou a presente obra ao seu discípulo Jerónimo Besler.

Bruno dominava a arte da memória, que tinha ensinado em vários países europeus a todo o tipo de clientes, do rei Henrique III ao veneziano Mocenigo, que o traiu denunciando-o à Inquisição. A *mnemotécnica*, cujas raízes mais ou menos míticas vão até ao poeta grego Simónides, permitia a quem a dominasse a possibilidade de compor longos pedaços de texto na cabeça e depois reproduzi-los oralmente para um copista (ou mais do que um; Tomás de Aquino, que Giordano Bruno admirava, ditava directamente as suas obras para mais de uma dezena de copistas, garantindo assim vários exemplares do *original*).

Nesses dias de Frankfurt, não se sabe em quantas sessões, Giordano Bruno começou por percorrer

<sup>1</sup> O excerto citado é uma tradução do final do livro de Luigi Firpo sobre o processo de Giordano Bruno (ver *infra*), p. CLXXXI.



1. Giordano Bruno, *Cantus Circaeus*, 1582

Antes de se tratar da Magia, como de qualquer outro assunto, deve-se da palavra subdividir os seus sentidos: pois existem tantos sentidos da palavra *magia* quanto tipos de magos. *Mago* significou, inicialmente, *sábio*: tais eram os *Trimegistos* entre os Egípcios, os *Druidas* na Gália, os *Gimnosofistas* na Índia, os *Cabalistas* entre os Hebreus, os *Magos* entre os Persas (depois de Zoroastro), os *Sofistas* entre os Gregos, os *Sábios* entre os Romanos. Em segundo lugar, emprega-se o termo *mago* para designar aquele que realiza prodígios pela simples aplicação de princípios activos e passivos, tal como em medicina e em química: trata-se daquilo a que comumente se chama de *magia natural*. Em terceiro lugar, fala-se de magia quando se fazem acompanhar estas mesmas operações de certas circunstâncias que as fazem aparecer enquanto obras da natureza ou de uma inteligência superior, com o fim de provocar admiração através destas aparências: a este tipo de magia chama-se *magia dos prestígios*. Em quarto lugar, se se recorrer à virtude de simpatia e antipatia das coisas, tendo em conta que as substâncias repulsam, transmutam ou atraem outras substâncias (tal como o íman e outros corpos semelhantes cujos efeitos não se reduzem apenas às qualidades activas e passivas mas relevam todas